

Imagens da revolução ou *graffiti* de 1974

Rolf Nagel *

RESUMO — A propósito dos *graffiti* da revolução de Abril de 1974, o autor refere a documentação existente e tece considerações ao papel do arquivista no tratamento da imagem.

ABSTRACT — The author deals with the graffiti of the Revolution of April 1974, refers some of the existing documents and comments on the role of the archivist in handling such materials.

Sete anos depois da revolução do 25 de Abril de 1974 não chegou ainda ao nosso conhecimento nenhuma publicação científica sobre o simbolismo iconográfico desta revolução ⁽¹⁾. Todos nós somos testemunhas dos acontecimentos que a imprensa acompanhou e que a historiografia futura analisará um dia. O que ficou na mente de cada um, seja em Portugal ou fora dele, é o símbolo do cravo daquela revolução não sangrenta. E porém, naqueles dias e meses a capital vestia um traje muito especial: milhares e milhares de cartazes e *graffiti* cobriram muros, paredes e calçadas de Lisboa. Para uns tornou-se sujíssima a branca Lisboa, para outros foi a festa da liberdade que buscou a sua forma adequada de expressão. Por isso não é de admirar que surgisse em abundância tudo o que fora invulgar antes, tudo que fora proibido e suprimido anteriormente. Como acontece sempre em tais momentos históricos, os partidos e os

⁽¹⁾ Existem duas tentativas de publicação: *Os muros falaram*, Diapositivos, 4 séries de 30 diapositivos, Ministério da Educação e Investigação Científica, Lisboa, Instituto de Tecnologia Educativa, 1979, e *As paredes na revolução, Graffiti*, Lisboa, Mil Dias Editora, 1979, que finalmente não são mais do que uma documentação sem qualquer informação sobre o material.

* do Arquivo Central do Estado de Düsseldorf

grupos políticos gritam seus *slogans* na cara do público para reclamar a sua atenção, para o convencer com argumentos, ou para o captar fazendo apelo ao sentimento. Além de inumeráveis reuniões da gente nas praças e ruas públicas discutindo o acontecimento, temos de salientar a presença visual massiva de militares, portanto dos autores da revolução. Ao verde dos uniformes logo se juntou o vermelho do cravo significando a revolução pacífica. Reparemos no facto de que ambas as cores aparecem na bandeira nacional. Algo do simbolismo nacional ficaria, assim, visível na revolução portuguesa.

Pode ser que alguém estranhe ver um arquivista tratar este assunto. Mas a atribuição das funções profissionais e a auto-compreensão do arquivista moderno diz que ele é responsável pelas fontes históricas. Assim, o VIII Congresso Internacional de Arquivos (Washington, 1976) falava da “revolução arquivística de nossos dias” e esta fórmula representa certamente mais uma exigência, um desafio dirigido aos arquivistas do que a descrição de factos ou realidade profissional. Normalmente recebe o arquivista os documentos do governo e da administração de sua demarcada competência. Mas se quiser realmente responsabilizar-se por todas as fontes históricas, tem que sair da sua torre do tombo para *coleccionar* documentos que só desta maneira ficam salvaguardados. A acção sábia e competente do arquivista fará com que certas espécies de fontes históricas não-governamentais estejam à disposição dos investigadores do futuro. Pode-se objectar que o arquivista viola a lei orgânica de arquivo, quer dizer, a teoria ideal do contexto orgânico dos documentos arquivados. Mas na verdade todos nós sabemos muito bem que cada dia as repartições públicas e administrativas violam o princípio da integridade da documentação antes que o arquivista possa agir. As circunstâncias mostrarão se o arquivista é, mais do que um burocrata, um contemporâneo de olhos abertos, de sentido vivo, de consciência profissional.

Perdoar-nos-ão esta arenga que facilmente se explica por tantas experiências feitas. Todas as administrações do mundo são estáticas. Se o arquivista não age *motu proprio*, coisas dignas de memória perder-se-ão de certeza absoluta.

Ocupar-me-ei, de seguida, de só uma delas: os cartazes e *graffiti* da revolução de 1974. O material documentário que se encontra parcialmente nas duas publicações mencionadas tem carácter fortuito e arbitrário e pode ser que isto se relacione com a sua natureza e também com a sua origem. O que não pode ser for-

tuito nem arbitrário é o critério de colecção e método descritivo do material. Noutras palavras, a casualidade do material exige o estabelecimento de critérios científicos na elaboração da documentação.

Analisarei a parte do material editado pelo Instituto de Tecnologia Educativa intitulado «Os muros falaram» que não tem uma única palavra de comentário ou nota introdutória, deixando presumivelmente esta precaução ao labor didáctico dos educadores. Uma vez que o livro *As paredes na revolução* se serve dos termos *arquivar*, *aquivo*, temos de observar que lhe são alheios todos os elementos da documentação moderna, reconhecendo porém que «este livro é apenas e só uma tentativa» (prólogo).

O material que não possui proveniência administrativa nem governamental definidas, deve ser atribuído ao vasto campo da comunicação visual. A sua intenção originária é a transmissão de uma mensagem ⁽¹⁾. Consequentemente classifico as espécies formalmente em documentos onde prevalece o carácter visual (imagem), o carácter verbal (texto) e em documentos de mensagem visual e textual equivalente. Na compreensão e descrição do material foi-nos muito útil a terminologia heráldica.

- A 1 — série 3, no 2
sobre fundo azul, uma pomba branca
sem texto
A pomba é símbolo da paz universal e imagem bíblica.
- 2 — 3, 5
sobre fundo branco, torsos de um homem (soldado) verde
e de uma mulher vermelha
sem texto
símbolos da bandeira nacional.
- 3 — 3, 8
sobre fundo branco, torsos de um homem vestido de
verde e de uma mulher vestida de amarelo com braços
cruzados, erguendo a foice e o martelo
sem texto
estes símbolos foram criados durante a revolução soviética
em 1917 e representam o operário e o camponês, consi-
derados depois símbolos do movimento comunista.
- 4 — 3, 1
de frente, o rosto natural de uma jovem mulher, ornada

⁽¹⁾ É interessante ver que a maioria dos dicionários define *mensagem* como recado ou notícia verbal.

de resplendor

sem texto

talvez símbolo da juventude e da esperança no futuro melhor.

5 — 2, 4

um sol brilhante contendo a palavra vermelha LIBERDADE, tudo sobre um fundo vermelho

o sol é um símbolo do poder absoluto e significa também a liberdade (ver os escudos de brasão dos países latino-americanos).

6 — 1, 11

um punho cerca um homenzinho em fato preto, esmagando-o

texto: TRABALHADOR / CONHECE O TEU / INIMIGO
o punho é um símbolo de ameaça e de agressão; na luta de classe esmaga-se o inimigo.

7 — 2, 7

um punho vermelho cerca uma espiga e um descandador

texto: F.S.P.

o punho segurando qualquer instrumento pacífico representa o labor do homem pela vida em paz.

B 8 — 3, 26

sobre fundo vermelho, o texto amarelo: «Rumo ao / Socialismo» e os emblemas da estrela, foice e martelo

A estrela, também imagem bíblica, é hoje conhecida na forma de cinco raios e de cor vermelha como símbolo soviético e revolucionário.

9 — 3, 28

sobre fundo verde, o texto preto: «dá mais / força / à / liberdade».

10 — 3, 21

sobre fundo branco, o texto preto: «Juventude / Popular / Monárquica» e o emblema de partido composto das letras JPM.

11 — 3, 22

sobre fundo branco, o texto vermelho: «vota P.S.» e o punho.

12 — 3, 15

sobre fundo vermelho, o texto verde: «Nova / Vida» e o

- sinal de dois dedos formando o V
 O sinal e o gesto «V» significa *vitória* e surgiu durante a segunda guerra mundial.
- 13 — 2, 21
 sobre um muro, o texto azul: «VOTA EM MIM / E EU VOTO EM TI».
- 14 — 2, 23
 VOTE NA MERDA DOS / NOSSOS DEPUTADOS / E TERÁ, NO FUTURO, / UMA MERDA DE PAÍS»
 num círculo a letra A (= Anarquia).
- 15 — 1, 27
 HOMOSEXUAIS + EU = BISSEXUAIS / VOTA CDS / MES
 Os três slogans em verde, azul e vermelho, respectivamente.
- C 16 — 4, 15
 sob um sol contendo as letras «PCP» em terra vermelha, um homem e uma mulher verdes, braços erguidos, nos seus punhos foice e martelo, no fundo um tractor e o campo representado por uma espiga
 texto: «PCP, Viva o / Internacionalismo / Proletário» e «Reforma / Agrária»
 O sol é aqui identificado com o partido comunista.
- 17 — 4, 24
 três figuras: uma camponesa, um operário, um soldado, segurando respectivamente um ramo de cravos e uma foice, um martelo, uma espingarda com um cravo no cano, todos vestidos de verde
 texto: UJC / Junta a tua à / nossa voz / vem e traz outro amigo também.
- 18 — 3, 16
 com o martelo nos punhos, um homem bate sobre a bigorna o capital (CAPITAL) que se torce sobre o golpe do martelo
 o texto faz parte da imagem.
- 19 — 3, 19
 na paisagem multicolor abstracta de uma cidade, figuras humanas apontam para cravo, coração e estrela deitados sobre o campo, foice e martelo

texto: «Por ti e por nós / luta / P.C.P.» e «Junta a tua à nossa voz».

20 — 2, 13

sob um sol radiante, ornado de foice e martelo três homens pretos, seus braços erguidos e também em preto as palavras E / O SOL / BRILHARÁ PARA / TODOS / NÓS.

Esta descrição já deixa reconhecer os elementos predominantes da imagem fotografada: imagem, texto ou espécie de carácter misto; umas vezes a imagem e a sua mensagem se entendem perfeitamente sem texto elucidativo, outras vezes o texto satisfaz, não se lhe acrescenta mais nada, porque o apelo que ele dá está claro. Mas o mal de todas estas peças reside no facto de o leitor não poder dizer se a imagem está completa ou não. Isto é importante para a interpretação das espécies: há diferença entre o enunciado VOTA ou VOTA PS. Sendo assim, nós propomos além da descrição comprovando a indicação de outros elementos necessários como tamanho, lugar, data, núcleo de arquivo ou biblioteca desta maneira:

(ficha imaginária)

— data: Maio de 1974

— lugar: Parque Eduardo VII, Lisboa

— tamanho: 2 × 2 metros

— proveniência: não consta

— objecto: em verde o texto «dá mais força à liberdade» em letras vermelhas acompanhado de um cravo gigante

— núcleo de arquivo: colecção *graffiti* da revolução de 1974 — Col. 25

— observação: usa colorido da bandeira nacional, prevalece a imagem, tratamento de *tu*.

Pensamos estabelecer assim uma colecção valiosa baseada em critérios documentários concretos e transparentes. O resto cabe à responsabilidade do leitor e utente desta documentação histórica. No nosso caso permitimo-nos também uma palavra de interpretação na qualidade de historiador da iconografia política: a revolução de 25 de Abril pouco traz de novo como outras revoluções, a tricolore ou árvore ou sol de liberdade que têm influenciado tanto a heráldica de soberania dos estados americanos, ou a bandeira, estrelas vermelhas, foice e martelo da revolução soviética. A revolução portuguesa de 1974 serviu-se das cores da bandeira nacional demonstrando assim continuidade na revolução. E criou a bela imagem de uma flor, símbolo pacífico, que lhe deu o nome de *revolução dos cravos*.